

## criação e história em Is 40-55

Ludovico Garmus

### Introdução

O Segundo Isaías pode ser dividido em duas partes: na primeira parte, Javé, o Deus Criador, aparece como o único Deus e atua na história (40,12–48,19); na segunda parte, o tema é o novo Êxodo (48,20–55,13). A temática de Javé Criador aparece sobretudo na primeira parte, mas ocorre também na segunda e eventualmente em outras partes do livro de Isaías. O tema de Javé como Criador do cosmos e da história de Israel é um dos temas que mais dão consistência à mensagem do Segundo Isaías (Is 40-55).

São três os principais verbos que exprimem a ação criadora de Deus: “criar” (*bara'*), “formar” (*vasar*) e “fazer” (*asah*). Inicialmente, examinaremos, cada um dos três termos.

### 1. Verbos que exprimem a ação criadora de Deus

#### 1.1. *Bara'* – criar

O verbo “criar” (*bara'*) ocorre sobretudo no Segundo Isaías e no escrito sacerdotal, que é praticamente contemporâneo<sup>1</sup>. Podemos encontrar o verbo *bara'* ainda no hino doxológico tardio de Am 4,13, em Is 4,5, que também são textos não autênticos e tardios, e em textos deuteronômicos ou exílicos (Dt 4,32; Ez 28,13.15; Jr 31,22; Sl 51,12; 89,13.48; 102,19; 104,30; 148,5). O verbo *bara'*/criar foi mais usado a partir do exílio da Babilônia, para caracterizar a ação criadora específica de Deus. Mas o livro de Jó, que tantas vezes fala da criação, não utiliza o verbo *bara'*.

O uso do verbo *bara'*, “criar”, apresenta duas características básicas:

- a) O Deus de Israel é sempre o sujeito da ação, nunca uma divindade estrangeira. O verbo serve sempre e unicamente para caracterizar a ação criadora de Deus, distinguindo-a da ação humana.
- b) Nunca se menciona a matéria a partir da qual Deus cria. Além do mais, em Is 40–55, o verbo *bara'* é usado para descrever tanto a obra divina do passado, como a do presente (Is 40,26.28; 42,5; 45,12.18) e do futuro (41,20; 45,8). Não só o mundo todo é criação de Deus, mas também a nova salvação que se anuncia na história (cf. Is 45,7). No escrito sacerdotal, porém, o verbo *bara'* usa-se tão somente para falar da criação das origens (Gn 1,1.21.27; 2,3s; 5,1s; 6,7).

1. JENNI, E. – WESTERMANN, C. *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Ed. Cristiandad, 1978, vol. I, 487-490.

## 1.2. *Yasar* – formar, modelar

Um termo importante da teologia é *yasar*; “formar”, “modelar”. É usado para falar da ação de Deus na criação e na história, e para descrever figurativamente a relação entre Deus e o homem<sup>2</sup>. Trata-se de uma imagem que deriva da ação do oleiro (*yoser*), que modela o barro para fazer os seus vasos. Assim se diz que Deus forma os montes (Am 4,13), a terra em geral e a terra firme (Is 45,18; Jr 33,2; Sl 95,5), o leviatã e os animais (Sl 104,26; Gn 2,19; Am 7,1), e o ser humano (Gn 2,7s), que recebe o sopro de vida. Também o homem é um ser formado, uma criatura (Sl 104,14). Em Zc 12,1 Deus forma o “espírito” no interior do homem, isto é, a vida. Ele forma também o coração (Sl 33,15), e por isso conhece os pensamentos mais ocultos de cada pessoa. Mas jamais se diz que Deus “forma” o mar.

Nos profetas, sobretudo em Is 40–55, o verbo *yasar* se refere também às ações de Deus na história (Jr 18,11; Sl 104,20; cf. Is 22,11; 24,11). A atividade de Javé na história é vista como uma atividade criadora. Ele forma “desde o seio materno” pessoas que ele escolhe, como Jeremias (Jr 1,5), o Servo de Javé (Is 49,5; 49,8) e o próprio Israel (Is 44,2.24; cf. 43,1.7.21; 27,11), conferindo-lhes uma missão que extrapola os limites do próprio povo, como agentes de sua ação na história. É Deus que também forma os acontecimentos e os guia previamente (2Rs 19,25 = Is 37,26; Is 22,11; 46,11; cf. Sl 139,16).

O verbo *yasar* serve muito bem para mostrar também a superioridade de Deus sobre a criatura humana. Como um oleiro molda como quer o barro para fazer o vaso de sua preferência, assim Deus é o oleiro que molda Israel e os acontecimentos (Jr 18,6), e pode fazer o que quiser com os governantes (Is 41,25). A imagem do oleiro serve para mostrar a diferença entre o criador e a criatura (Is 29,16; 45,9.11): “Nós somos o barro e tu o nosso oleiro (*yoser*), somos todos obra de tuas mãos” (Is 64,7).

## 1.3. *‘asah* – fazer

Este verbo é um dos mais usados na Bíblia, com 2.627 ocorrências<sup>3</sup>. Em Isaías ocorre 102 vezes, sendo que a sexta parte das ocorrências tem sentido teológico e Deus é o agente da ação. É o verbo mais genérico para expressar a ação criadora divina no Antigo Testamento. Mesmo em Is 40–55 e no escrito sacerdotal, usa-se mais *‘asah*, “fazer” do que “criar” (*bara*) e “formar” (*yasar*). Estes três verbos se usam paralelamente em Is 40–55, mas *‘asah* descreve a ação criadora de Javé em todas as dimensões. Javé faz a terra (Ex 20,11; Is 45,12.18), o mar (Sl 95,5), o firmamento (Gn 1,6s), os corpos celestes (Gn 1,16), o sol e a luz (Sl 104,19), os animais (Gn 1,25), o homem (Gn 1,26), etc.

Mas no Dêutero-Isaías *‘asah*, “fazer”, expressa também o governo de Javé sobre a história, sua ação cósmica e sua atuação na vida do indivíduo. A peculiaridade de Javé se fundamenta em suas obras (Is 41,4.20; 44,24; 45,7; 48,3.11). Javé diz o

2. JENNI, E. – WESTERMANN, C. Op. Cit., I, 1047-1051.

3. JENNI, E. – WESTERMANN, C. Op. Cit., II, 458-471.

que vai fazer e faz acontecer o que diz (Gn 21,1; Nm 23,29; 2Rs 10,10; Am 3,7; Ez 17,24; cf. Is 46,11).

Quando o particípio *'oseh*, “aquele que faz”, se refere a Javé, algumas vezes tem o significado técnico de “criador” (cf. Is 27,11; 44,2; 51,13; 54,5; Sl 95,6; 149,2; Jó 4,17, etc). O termo derivado *ma'aseh*, “obra”, “ação”, é usado para indicar a totalidade da obra de Javé na criação, na vida dos povos e dos indivíduos. Pode ser considerado um conceito decisivo na teologia profética da história.

Os três termos específicos usados para ação criadora de Javé (*bara'*, *yasar* e *'asah*) podem aparecer isolados ou em paralelo com ou os dois outros termos. Por exemplo, *bara'*, “criar”, pode ocorrer isolado (Is 40,26.28; 43,15; 45,8; 54,16; cf. 57,19; 65,17s; 66,22); pode ocorrer em paralelo com *yasar*, “modelar” (42,5s; 43,1), em paralelo com *'asah*, “fazer” (41,20); outras vezes encontramos os três termos juntos (43,7; 45,7.11s.18). Também o termo *yasar*, “modelar, formar”, pode ocorrer isolado (44,21; 49,5.8; cf. 22,11), junto com *'asah*, “fazer” (44,2.24; cf. 27,11; 37,26; 64,7); pode vir em paralelo com *bara'*, “criar” (42,5s; 43,1), ou, como foi dito, junto com os outros dois termos. Da mesma forma, *'asah*, “fazer”, pode vir isolado (41,4 em paralelo com *pa'al*, “executar”, “cumprir”; 43,19; 48,3.11; 51,13; 54,5; cf. 57,16; 62,2; 66,22), em paralelo com *bara'* (41,20) ou junto com os outros dois termos.

## 2. Contexto da mensagem de Is 40-55 sobre Deus como criador

Alguns textos de Ezequiel e de Is 40-55 revelam o clima de desânimo e de falta de perspectivas para o futuro que reinava entre os exilados da Babilônia. São em geral colocados na boca dos próprios exilados. O sentimento de exclusão dos exilados é colocado na boca dos habitantes de Jerusalém: “Filho do homem, é dos teus irmãos, das pessoas de tua parentela, da casa de Israel toda que os habitantes de Jerusalém andam dizendo: Eles estão longe do Senhor. A nós é que foi dada a terra por herança” (Ez 11,15).

Por estas palavras, os habitantes de Jerusalém consideram os exilados como excluídos da presença de Javé e do dom da promessa da terra. Assim também deveriam sentir-se os exilados. Para eles a tentação era esquecer-se do Deus de Israel e de suas promessas e passar a adorar os deuses da Babilônia. É o que podemos constatar na denúncia de Ezequiel: “Jamais sucederá o que surge em vossa mente quando dizeis: Seremos como as nações, como as populações de outros países, servindo árvores e pedras” (Ez 20,32). Outros consideravam a punição divina do exílio pesada demais e injusta, como o mostra Ezequiel, citando um provérbio repetido entre o povo: “Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos ficaram embotados” (Ez 18,2; cf. Jr 31,29). Achavam que Deus era injusto: “Não obstante, a casa de Israel diz: A conduta do Senhor não é correta! É a minha conduta que não é correta, casa de Israel, ou antes é a vossa que não é correta?” (Ez 18,29). Diante da punição divina, a falta de perspectiva para o futuro era evidente: “É assim que dizeis: Nossos crimes e pecados pesam sobre nós, e por causa deles estamos definhando. Como poderemos viver?” (Ez 33,10). Para o profeta Ezequiel, que convivia com os exilados, a situação do povo no exílio era como um campo de ossos secos: “Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Isra-

el. Eles dizem: Nossos ossos estão secos, nossa esperança acabou, estamos perdidos” (Ez 37,11)!

O profeta anônimo do exílio, discípulo de Isaías, também mostra a situação desanimadora do povo, vítima da punição divina: “Toda criatura é capim e todo o seu encanto é como flor do campo. O capim seca, a flor murcha, quando o sopro do Senhor os atinge” (Is 40,6-7). Para os exilados, Deus parecia ter perdido o controle da história: “Minha sorte está oculta ao Senhor, e meu direito escapa ao controle de meu Deus” (40,27). Deus parecia ter abandonado Sião e seu povo: “O Senhor me abandonou, meu Deus me esqueceu” (49,14).

Além do mais, entre os exilados havia gente que era incapaz de ver a ação de Javé na história e caía na idolatria: “Eu bem sabia que és obstinado, que tens nuca como barra de ferro e tua frente é de bronze; por isso eu predisse de antemão, e antes que acontecesse o proclamei, para que não viesses dizer-me: Meu ídolo fez isso, minha estátua esculpida ou fundida o ordenou” (48,4-5)... “Eu sabia quanto eras desleal, chamado ‘rebelde desde o seio materno’” (48,8).

Mas, se Israel pode esquecer-se de seu *criador* (51,13)<sup>4</sup>, Javé, qual mãe que não esquece seu filho, jamais esquecerá Israel (49,15). Porque o Deus de toda a terra é também o esposo que criou Israel, sua esposa: “Pois teu esposo é quem te fez: Senhor Todo-poderoso é seu nome! Teu defensor é o Santo de Israel, ele é chamado Deus de toda a terra” (54,5). Por isso, logo na introdução, ao conclamar seus conterrâneos, o Segundo Isaías anuncia a esperança de novos tempos, até com certa impaciência. Para ele já era tempo de uma virada na história, pois o povo havia sofrido mais do que devia: “Falai ao coração de Jerusalém e lhe gritai: Terminou o tempo de seu serviço, foi saldado o débito da sua culpa; ela recebeu da mão do Senhor o dobro por todos os seus pecados” (Is 40,2).

### 3. Javé em confronto com Marduc

Para mostrar aos seus conterrâneos que havia um futuro e uma esperança para o povo, o autor de Is 40–55 insiste em apresentar o Deus de Israel como vitorioso, como criador e rei<sup>5</sup>. Para restabelecer esta confiança em Javé era preciso enfrentar a ideologia que sustentava o poder expresso no culto de Marduc, a divindade principal da Babilônia, a potência dominadora. Conhecemos este culto pelo mito da criação *Enuma Elish*, recitado durante o festival do ano novo, no qual Marduc é aclamado como rei. Por isso em Is 40–48 Javé é apresentado como o criador cósmico. Ele, e não Marduc, é o “Deus eterno” (40,28), o “Deus de toda a terra” (54,5), “o soberano, o Senhor teu Deus” (51,22). Para enfrentar a teogonia atribuída a Marduc no poema *Enuma Elish*, o autor insiste que Javé não tem origem, é o primeiro e o último (41,4; 44,6; 48,12). Mar-

4. Os termos *criar* (bara’), *formar* (yasar) e *fazer* (’asah), como ações criativas divinas, daqui em diante serão colocados em grifo para lembrar o respectivo sentido técnico, acima explicado.

5. BLENKINSOPP, Joseph. *Isaiah 40-55. A new Translation with Introduction and Commentary*. The Anchor Bible 19A. New York: Doubleday, 2002, 105-108.

duc era aclamado como rei antes mesmo de criar o mundo e a humanidade. Isaías dá o mesmo título a Javé no seu papel de criador na história e nos acontecimentos políticos. No poema babilônico da criação Marduc se apresenta como o único entre os deuses. O profeta anônimo afirma continuamente que ninguém se compara a Javé: “Eu e ninguém mais!” (47,8.10), “Eu sou o Senhor e não há outro” (45,5.6.18; 46,9; cf. 20,18.25; 43,11; 44,6-8; 45,5-6.14.21-22; 46,9). São frases praticamente idênticas ao louvor que Marduc recebe no poema babilônico da criação.

O profeta desde o início quer mostrar a superioridade de Javé em relação aos deuses considerados poderosos, deuses que legitimavam o poderio babilônico. Ele quer convencer seus companheiros de exílio e ouvintes que somente Javé é capaz de libertá-los do duro cativeiro. Era preciso restabelecer a confiança em Javé e levantar o ânimo dos exilados que tinham perdido a terra, eram humilhados e escravizados e estavam perdendo a identidade cultural e religiosa. Javé, que faz todas as coisas, é o incomparável; ele exerce o controle sobre a vida, sobre as várias gerações humanas: “Quem *fez* isto e levou a termo? É quem chama as gerações desde o princípio. Eu, o Senhor, sou o primeiro e continuo a sê-lo também com os últimos” (41,4).

A seguir examinaremos as passagens de Is 40-55, onde ocorrem os três termos que caracterizam a ação criadora de Javé no cosmos e na história de Israel.

#### 4. Javé cria os astros e controla a história

Segundo o profeta, Javé não só colocou as fundações da terra e estendeu a abóbada celeste, mas tem seu trono acima dela (40,21-22). Ele, e não Marduc, é quem criou e controla os astros: “Erguei os olhos para o alto e vede: quem *criou* estes astros? Ele conta e põe em marcha o seu exército de astros, chamando cada um pelo nome” (40,26). A abóbada celeste onde estão os astros é obra de Javé: “Ele estende o céu e o estica como tenda de morada” (40,22); e fez isso sem ajuda de ninguém: “Sozinho estendi o céu, firmei a terra com meu próprio poder” (44,24; 42,5). O profeta coloca uma série de seis perguntas (Is 40,12-31; 41,6-7), para afirmar que ninguém se pode comparar a Javé, nem mesmo a divindade imperial Marduc. Se, no mito babilônico da criação, Ea tem o papel de conselheiro de Marduc na criação da humanidade e se, para os babilônios, o controle dos corpos celestes e de seu movimento se atribuía a Marduc, nosso profeta anônimo afirma que foi Javé quem criou a terra e a humanidade, criou e controla os astros (40,26): “Fui eu que *fiz* a terra, eu *criei* os seres humanos que vivem nela; fui eu, foram as minhas mãos que estenderam o céu, e a todo o seu exército eu dei ordens” (45,12).

Em nome deste Deus criador dos astros o profeta se dirige aos israelitas, que estão perdendo o ânimo e a esperança e dizem: “Minha sorte está oculta ao Senhor, e meu direito escapa ao controle de meu Deus” (40,27). E reafirma que Javé não só é o criador das origens, mas continua sendo o criador infatigável do cosmos e também da história humana: “Um Deus eterno é o Senhor, o *criador* (*bore*’) dos confins da terra. Não se cansa nem se fatiga, insondável é sua inteligência” (40,28). Deus eterno significa aqui Deus de todos os tempos, enquanto dura a criação do mundo. “Confins da terra”

não é uma expressão meramente geográfica, mas tem conotação política. Com isso, a ação criadora de Javé é universal, abrange todo o âmbito da história humana, incluindo o império caldeu<sup>6</sup>. Esse é o Deus que “dá força ao cansado, e ao desfalecido renova o vigor” (40,29), renova as forças dos que nele esperam (40,31).

Israel pode confiar no Deus que o criou e o chama pelo nome: “Mas agora assim fala o Senhor que te *criou*, ó Jacó, e te *formou*, ó Israel: Não tenhas medo, pois eu te resgatei, chamei-te pelo nome, tu és meu” (43,1). Deus criou, formou e fez Israel para sua glória (43,7). Cuida dele como uma mãe cuida de seu filhinho: “Eu vos carreguei desde o nascimento, levei-vos desde o seio materno” (46,3). Este Deus agora também o reunirá e fará voltar de todas as partes onde estiver disperso (43,5-6). Ele escolhe Ciro para executar esta tarefa (45,1-5). Porque Javé, o Criador, controla todos os acontecimentos: “Eu *formo* a luz e *crio* as trevas, eu *faço* a felicidade e *crio* a desgraça, eu, o Senhor, *faço* todas estas coisas... eu, o Senhor, *criei* isto” (45,7-8).

### 5. A mudança na situação dos exilados é uma nova criação

Os exilados estavam vivendo numa situação de pobreza e opressão. Viviam na condição de prisioneiros, reféns de guerra e deviam trabalhar nas obras públicas, ou podiam ser vendidos como escravos para os senhores particulares<sup>7</sup>. O profeta descreve a situação com a metáfora de pobres em busca de água que não há: “Os pobres e indigentes buscam água, mas não há, e sua língua está seca de sede” (41,17). A eles Javé responderá com uma transformação ecológica da terra (41,18-20). Fará surgir, em pleno deserto, água e árvores onde não há. As sete árvores mencionadas (cedro, acácia, murta, oliveira, cipreste, olmo e buxo), típicas da Síria e Palestina, e não da Mesopotâmia, significam a totalidade e a vida em abundância na Terra Prometida, embora aqui não mencionada. Assim, os exilados reconhecerão que a libertação anunciada é mais uma ação criadora de Javé: “Para que todos vejam e saibam, tomem a peito e compreendam que foi a mão do Senhor que *fez* isto, e o santo de Israel o *criou*” (41,20).

Não basta recordar a ação divina do passado. É preciso prestar atenção ao novo que Deus está criando na história do seu povo. Este novo engloba toda a natureza junto com Israel: “Eis que *faço* uma coisa nova! Já está despontando, não o percebeis? Sim, abro uma estrada no deserto, faço correr rios em terra árida. Os animais selvagens me darão glória, os chacais e os avestruzes, pois dei água ao deserto e rios à terra árida. O povo que *formei* para mim proclamará meu louvor” (43,19-21).

### 6. A ação de Deus na criação e na história

Javé, “Santo de Israel e seu criador (*yoserô*)”, não precisa que lhe perguntem por que está agindo assim na história: “Fui eu que *fiz* a terra, eu *criei* os seres humanos que

6. CROATTO, Severino. *Isaias – A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II: 40 – 55: A libertação é possível. Petrópolis: Ed. Vozes – São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1998, p. 43.

7. CROATTO, Severino. *Isaias*, vol. II, p. 59-60; BLENKINSOPP, Joseph. *Isaiah 40–55*, 202-203.

vivem nela; fui eu, foram as minhas mãos que estenderam o céu, e a todo o seu exército eu dei ordens” (45,11-12).

Quando, no futuro, Israel for salvo e tiver retornado a Jerusalém e os pagãos se converterem (45,14-17), ficará claro que foi o Criador quem agiu: “Pois assim fala o Senhor que *criou* o céu: ele que é Deus, que *modelou* a terra e a *fez*, é ele que a consolidou; não a *criou* para ser solidão, *formou-a* para ser habitada: eu sou o Senhor e não há outro!” (45,18). Neste texto ocorrem os três principais títulos criacionais de Javé: ele cria, ele modela/forma e ele faz. Javé cria, forma e faz a terra para que seja habitada por todos os seres vivos, os animais e o ser humano. Portanto, como em Gn 1, 1-25 que tem a terra como centro das atenções divinas, também aqui a terra criada por Deus é apresentada como lugar propício à vida, o que é interessante para uma reflexão sobre a ecologia. É neste cenário habitado, cheio de vida, que Deus quer ser procurado, e não no vazio (45,19).

Deus prediz por meio de seu profeta os acontecimentos, e eles acontecem na história: “De há muito eu predisse o passado, por minha boca o proferi e proclamei; de repente *agi* (‘*asah*), e as coisas aconteceram” (48,3). Os novos acontecimentos, mantidos em segredo e só agora revelados (48,6), são uma verdadeira criação: “Só agora *foram criadas*, e não há muito tempo” (48,7). Trata-se aqui da súbita queda da Babilônia, que marcará a salvação dos exilados, anunciada pelo profeta. O mesmo Deus Criador, que “lançou os fundamentos da terra” e “estendeu os céus”, executará seu projeto por meio de Ciro, seu servo amado e escolhido (48,13-15). Deus fará isso por causa de seu nome: “Por amor a mim, só por amor a mim, *faço* isto, pois como meu nome seria profanado?” (48,11).

## 7. Javé Criador forma seu servo para a missão<sup>8</sup>

### 7.1. Is 42,1-9

O assim chamado primeiro Cântico do Servo de Is 42,1-9 pode ser dividido em duas partes: os v. 1-4 falam do servo em 3ª pessoa, e os v. 5-9 se dirigem ao servo em 2ª pessoa. Os v. 1-4 definem a missão do servo e o modo como ele a executará: “ele levará o direito às nações”, “não gritará nem levantará a voz”, “com fidelidade”, “até estabelecer na terra o direito”. Nos v. 5-9 Javé se apresenta como o criador, aquele que forma seu servo: “Assim fala Deus, o Senhor que *criou* o céu e o estendeu (*natah*), que *formou* a terra com os seus produtos, que concedeu a respiração ao povo que nela habita, o sopro vital aos que nela andam: Eu, o Senhor, te chamei com justiça, e tomei-te pela mão; eu te *formei* e te *fiz* como aliança do povo, como luz das nações” (v. 5-6). As ações de Javé, criando o céu e o estendendo, criando a terra com seus produtos como um jardineiro, enchendo-a com o povo e lhe concedendo a respiração (*neshamah*) ou sopro vital (*ruah*), seguem a mesma ordem da criação em Gn 1.

8. Para o que segue, veja os comentários: CROATTO, Severino. *Isaias*, Vol. II, p. 65-74.196-207; BLENKINSOPP, Joseph. *Isaiah 40 – 55*, p. 207-212.297-302.

Originariamente o cântico se referia a Ciro<sup>9</sup>, mais tarde foi interpretado para Israel. Isso se pode ver na tradução grega dos LXX, que, em 42,1, à palavra “servo” acrescenta Jacó/Israel. De fato, de modo semelhante ao do nosso cântico, num cilindro de propaganda de Ciro, diz-se que Marduc o chamou pelo nome, agradou-se dele e o escolheu para restaurar a Babilônia e seus habitantes. A expressão “tomar pela mão” um governante, por sua vez, faz parte da linguagem oficial da corte no Antigo Oriente Próximo. A missão do servo é caracterizada com o “tomar pela mão” e “libertar os cativos”, que, em 45,1, se atribui explicitamente a Ciro. Mas Blenkinsopp concede que o que se diz neste texto poderia ser aplicado também a Israel ou a qualquer pessoa agindo em nome de Israel. Foi o que permitiu mais tarde reler este e outros textos do servo e aplicá-los a Israel.

Deus anunciou desde o princípio o plano de salvar seu povo por meio de seu servo Ciro e agora vai executar este plano: “Desde o princípio eu anunciei o futuro, e desde tempos remotos, o que ainda não tinha acontecido. Eu disse: Meu plano se realizará e tudo o que me agrada farei. Chamei do oriente a ave de rapina, de um país remoto o homem do meu plano. Dito e feito: *formulei o projeto* e o farei” (46,10-11). Ciro, que executará o plano libertador, é até apresentado como adorador de Javé: “Eu o fiz surgir do norte, e ele veio; lá de onde nasce o sol, ele invoca meu nome. Calcou aos pés os governantes como barro, como o oleiro pisoteia a argila” (41,25). Quem cria o ferreiro que fabrica as armas, cria também o destruidor, Ciro, que as usará contra a Babilônia: “Olha, fui eu que *criei* o ferreiro, que assopra as brasas e produz armas de acordo com sua profissão; mas fui eu também que *criei* o destruidor para destruir” (54,16).

## 7.2. Is 49,1-9

O segundo cântico do servo revela uma situação nova do discurso, embora a linguagem seja parecida com a de Is 40-48<sup>10</sup>, onde em geral se refere à missão confiada a Ciro por Javé (43,3-4; 48,15; 45,3-5; 42,6). Embora não se cite expressamente o nome de Ciro, ele é a pessoa chamada pelo nome (45,3-4; 48,15) para a missão, para ser a luz das nações (42,6), e é até chamado “servo de Javé” (42,1-4). Javé o “toma pela mão”, como a seu ungido, para submeter-lhe as nações (45,1) e lhe diz: “Em atenção ao meu servo Jacó e a meu eleito Israel, eu te chamei pelo nome” (45,4). O termo “servo”, porém, pode indicar qualquer agente que Deus escolhe para alguma missão individual ou coletiva, para tarefas específicas. Mas em Is 40-48 a expressão “meu servo” é reservada somente para Israel/Jacó (41,8-9; 44,1-2.21; 45,4; 49,3).

Interessa-nos aqui destacar o que, neste relato vocacional, o servo diz de si mesmo: “O Senhor que me *formou* desde o ventre materno para ser o seu servo, para reconduzir a ele Jacó e reunir junto dele Israel” (49,5). Segundo Croatto<sup>11</sup>, o servo seria o Israel cativo, que tinha uma missão não só em relação aos exilados na Babilônia, mas

9. BLENKINSOPP, Joseph. *Isaiah 40 – 55*, p. 210-212.

10. BLENKONSOPP, Joseph. *Isaiah 40-55*, 299-301.

11. CROATTO, Severino. *Isaias – A palavra profética e sua releitura hermenêutica*. Vol. II: 40-55 – *A libertação é possível*. Petrópolis: Ed. Vozes – São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1998, p. 204.

para com todo o Israel, que devia “reunir” e “reconduzir” à sua terra. Javé, que “faz todas as coisas” sozinho, é quem “resgata e *forma* Israel desde o seio materno” (44,24).

Segundo Blenkinsopp, como vimos acima, a descrição da missão do servo em Is 42,1-4 mostrava fortes indícios que levavam a identificá-lo com Ciro. Mas após Is 48 a situação é nova. Percebe-se que Ciro não deve ter conseguido atender às expectativas de libertar os prisioneiros (42,7; 45,13), reconstruir Jerusalém, o templo e as cidades destruídas pelos babilônios. Neste meio tempo, também a oposição ao profeta teria aumentado. Com isso, em 49,1-6, o profeta assume, ele mesmo, em nome dos exilados, o encargo de ser o servo de Javé. Agora é ele que se considera chamado por Deus desde o ventre materno: “O Senhor me chamou desde o seio materno; quando eu ainda estava no ventre de minha mãe, pronunciou meu nome” (49,1). A frase “fez de minha boca uma espada afiada” (49,2) indica o poder que ele recebe de persuadir pela palavra e a capacidade de interferir de modo decisivo na esfera política. Portanto, é Israel, por meio de um profeta, que assume agora a missão de tornar efetiva a vontade de Deus no âmbito político, que Ciro não fora capaz de executar.

O profeta continua falando de sua experiência de chamamento divino para a missão, em primeira pessoa: “E agora fala o Senhor que me *formou* desde o ventre materno para ser o seu servo, para reconduzir a ele Jacó e reunir junto dele Israel... Eu te destinei para seres a luz das nações, para que minha salvação atue até os confins da terra” (49,5-6). O profeta anônimo, como servo de Javé, deve animar o Israel cativo, que é agora o servo de Javé encarregado de cumprir uma missão em relação a todo o Israel disperso.

A missão do servo é caracterizada por quatro expressões: a) reconduzir Jacó a Javé, o que inclui a idéia da reintegração e do retorno à terra (Jr 50,19; Ez 39,27), a restauração física e a regeneração moral; b) reunir junto de Javé Israel; c) ser luz das nações; d) fazer atuar a salvação até os confins da terra.

É Javé quem “forma” Israel para esta missão, que extrapola o próprio povo de Israel para atingir também as nações. Que Deus escolhe pessoas desde o seio materno para uma missão universal encontramos também na vocação de Jeremias: “Antes mesmo de te *formar*, eu te conheci; antes que nasceste, eu te consagrei e te constituí profeta para as nações” (Jr 1,5). Mais tarde, também Paulo se considerará separado desde o seio materno e chamado para anunciar a boa nova de Cristo entre os pagãos (Gl 1,15). Mas Paulo não usa a expressão “formar desde o seio materno”, como ação criativa divina, e sim “separar desde o seio materno”, no sentido grego clássico e helenístico de segregação para a divindade, que pode incluir também a auto-imolação nas suas lides apostólicas<sup>12</sup>.

12. Neste sentido é interessante ler o artigo de VOIGT, Simão. Paulo deseja ser anátema por seus irmãos judeus (Rm 9,3). *Revista Eclesiástica Brasileira*, 1973, vol. 33, p. 398-323. Veja também a tradução de Rm 9,3 e a respectiva nota na Bíblia da Ed. Vozes: “Eu próprio desejava ser separado por Cristo em favor de meus irmãos”. Outras traduções, ao meu ver, traduzem erroneamente anátema, como se Paulo desejasse ser separado de Cristo para salvar seus irmãos judeus.

## 8. Ecos do tema da criação no Terceiro Isaías (55-66)

No Terceiro Isaías (Is 56-66) aparece a voz dos camponeses e camponesas, a voz do povo pobre do interior da Judéia, do final do séc. VI a.C. Profetas anônimos, provavelmente levitas, tornaram-se os porta-vozes do povo explorado pelos persas e pela elite sacerdotal do Segundo Templo, recém inaugurado em 515 aC<sup>13</sup>. De fato, o projeto do profeta Ageu e de seu grupo fazia depender a salvação da construção do Templo (Ag 2,19). E o projeto trazido pelos exilados da Babilônia considerava o futuro Templo como o lugar do trono de Deus e de sua morada definitiva entre os israelitas: “Este é o lugar do meu trono, é o lugar em que ponho a planta dos meus pés. É o lugar onde habitarei no meio dos israelitas para sempre” (Ez 43,7).

Mas logo o Templo se tornaria um lugar de exploração, um canal de coleta dos tributos cobrados pelos persas. Por isso, em Is 66,1-2, ergue-se a voz crítica dos explorados: “O céu é o meu trono e a terra, o estrado dos meus pés. Que espécie de casa é esta que me quereis construir e que espécie de lugar é este onde devo repousar? Tudo isto foi minha mão que fez (*‘asah*), tudo isto é meu – oráculo do Senhor. É para estes que eu olho: para o humilde, para o abatido e para o que aceita com tremor a minha palavra”. Deus criou o céu, onde está seu trono, e a terra, apoio de seus pés. Não precisa de um templo para morar. Está mais preocupado com o pobre e o humilde do que com a beleza de um templo. Também a oração o deuteronomista fala da insuficiência do Templo que Salomão inaugurara como moradia divina: “Pode Deus morar realmente sobre a terra? Se os céus e os mais altos céus não te podem conter, quanto menos esta casa que acabo de construir” (1Rs 8,27; cf. 2Sm 7,5-6).

Em meio à realidade de opressão instaurada pelos persas, o mesmo grupo apocalíptico acima mencionado ergue uma voz cheia de esperança. Usando a temática da criação, em nome de Javé, “que faz prodígios inesperados” (64,2), anuncia ao povo oprimido o projeto da Nova Jerusalém (Is 65,17-66,4). Esse projeto terá início com a ação criadora de Javé: “Sim, eu vou *criar* novo céu e nova terra; já não haverá lembrança do que passou, nisto já não se pensará. Antes, exultai e alegrai-vos sem fim por aquilo que eu *crio*. Pois *crio* Jerusalém, uma cidade de júbilo, e seus habitantes, um povo alegre” (65,17-18).

À ordem social vigente, marcada pela opressão e exploração, o vidente contrapõe o sonho de uma nova sociedade, a nova Jerusalém<sup>14</sup>. Nela não haverá mais “choros nem gritos de dor”, mas reinará a alegria (65,18-19; cf. Ap 21,4). Nela o povo terá vida longa, prosperidade e paz (65,21-25; cf. Ap 21,4; 22,5). Será uma cidade marcada pela presença constante do Senhor (65,24; cf. 22,5), onde todas as pessoas serão acolhidas (66,18-20) e ninguém será excluído do culto (56,7; 66,21-23; cf. Ap 21,6.22-23).

13. Veja o sugestivo artigo de Shigeyuki Nakanose, Novos céus e nova terra (Is 65,17-66,4). *Estudos Bíblicos*, n. 65, 2000, p. 48-61.

14. Centro Bíblico Verbo. *Sonhar de novo. Segundo e Terceiro Isaías (40-66): Roteiros e orientações para encontros*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 173-174.

## **Conclusão**

Como vimos, o Segundo Isaías procura levantar o ânimo abatido dos exilados suscitando a fé em Javé como criador do universo, único capaz de agir com eficácia nos acontecimentos da história política que resultariam na salvação de Israel. Não é Marduc, o deus babilônico, quem cria o universo e controla a história humana. Somente Javé é o criador do céu e da terra, somente Ele tem o controle da história. Somente Javé é capaz de suscitar um Ciro, que haveria de pôr um fim à dominação babilônica. Num primeiro momento, Ciro é o servo escolhido que trará de volta os exilados à sua terra. Depois, é o profeta anônimo que passa a ser o servo de Javé, como representante de Israel exilado na Babilônia. Ele recebe de Javé a missão de reunir os israelitas dispersos pelos outros países e reconduzi-los à Terra Prometida e a Jerusalém. Percebe-se nestes textos que a ação divina na criação do universo é inseparável de sua ação como redentor e salvador de seu povo. O tema de Deus como criador do universo e da história humana se prolonga no Terceiro Isaías e no Novo Testamento como um elemento fundamental para manter viva a esperança e a fé do povo nos momentos mais críticos de sua história.

A crise ecológica, com a grave ameaça que paira sobre a vida em nosso planeta Terra, deve nos levar a refletir sobre o tema da criação. O ser humano, criado à imagem e semelhança do Criador, tem hoje, mais do que nunca, capacidade de interferir na própria criação divina. A tentação de “ser como Deus”, sem respeitar o que Deus criou e cria, pode levar a humanidade a um desastre. Como imagem e semelhança do Criador, Deus nos quer como co-criadores, mas com a tarefa de cuidar do bem-estar de todos os seres criados. Como co-criador, o ser humano não está acima das criaturas, mas faz parte da criação.

*Ludovico Garmus*  
Instituto Teológico Franciscano  
Rua Coronel Veiga, 550  
25655-151 Petrópolis, RJ